

NOTÍCIAS DA LANCHÇA

ORGÃO INFORMATIVO DA LANCHÇA POVEIRA DO ALTO

NA "IV REGATA GALEÕES DO SADO", REALIZADA EM 25 DE JULHO DE 1992, NO PERCURSO LISBOA-SETÚBAL

A "LANCHA POVEIRA DO ALTO" CORTA EM PRIMEIRO LUGAR A LINHA DE CHEGADA!

Brest não foi desta vez! O convite para a Lancha Poveira participar no Festival Internacional de Vela Tradicional (Julho.1992), foi animoso e persistente.

As três entidades organizadoras deste Festival - Le Chasse-Marée, a Marinha Nacional Francesa e a Cidade de Brest, com antecedência muito europeia (17.Setembro.1992), contactaram a Embaixada de Portugal em Paris:

"Le Chasse-Marée a le plaisir de vous inviter à présenter la culture portugaise



à Brest 92 où plus de 1000 bateaux traditionnels, venant d'une vingtaine de pays se retrouveront pour le Festival International de la voile traditionnelle.

Ce Festival n'est pas seulement un rassemblement de bateaux; c'est aussi la racontre de toutes les régions maritimes d'Europe, en leur donnant la possibilité de faire découvrir leur culture maritime.

Chaque pays peut y présenter ses musiciens, ses artisans (chantiers, voiliers,...) ses musées, ses ressources touristiques...

La présence de votre pays nous semble souhaitable et nous espérons vivement concrétiser la venue de la "Lancha Povina" du Museu Municipal de Etnografica e Istorica da Povoia de Varzim avec qui nous sommes en contact de par son intérêt ethnographique et la similitude qu'elle a avec divers projets de reconstruction en France."

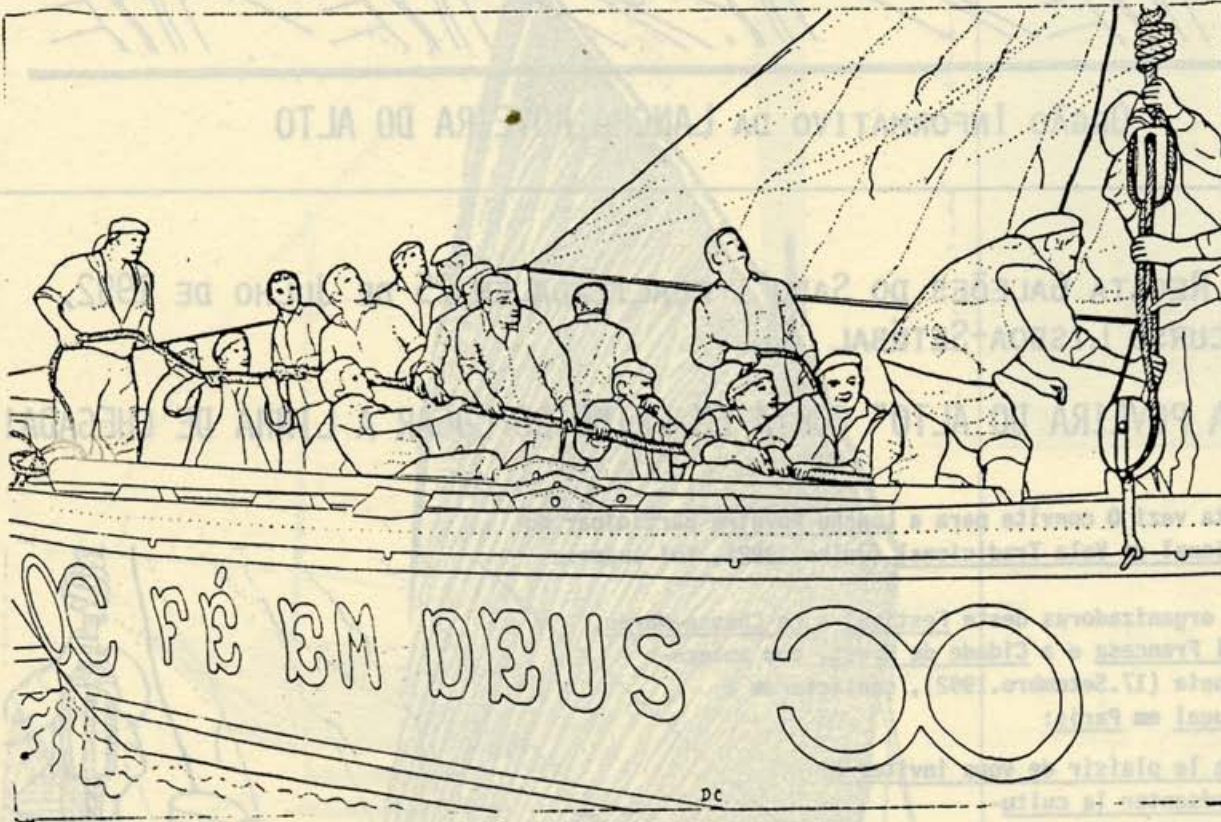
Que saibamos até hoje nunca foi dada resposta alguma!

Em Portugal desenvolveram-se os esforços possíveis. Mas deparamos sempre com um obstáculo intransponível: os altos custos do transporte. Rodoviário ou marítimo que fosse. Mais de quatro mil contos e mil e um problemas burocráticos numa avalanche de senões e reticências que todo o entusiasmo esfriava e toda a esperança demovia. Ficou-nos a mágoa profunda de uma representação nacional vazia e adiada, num dos mais importantes encontros marítimos do mundo.

E maior pena ainda quando soubemos que a Lancha Poveira do Alto havia sido selecionada, entre mais de um milhar de embarcações inscritas, para figurar na frota extraordinária de quatrocentos barcos que navegaram rumo a Douarnenez para aí festejarem e celebrarem a inauguração da doca de Port-Rhu, local de futuro Porto-Museu onde serão apresentadas as embarcações mais representativas do património europeu.

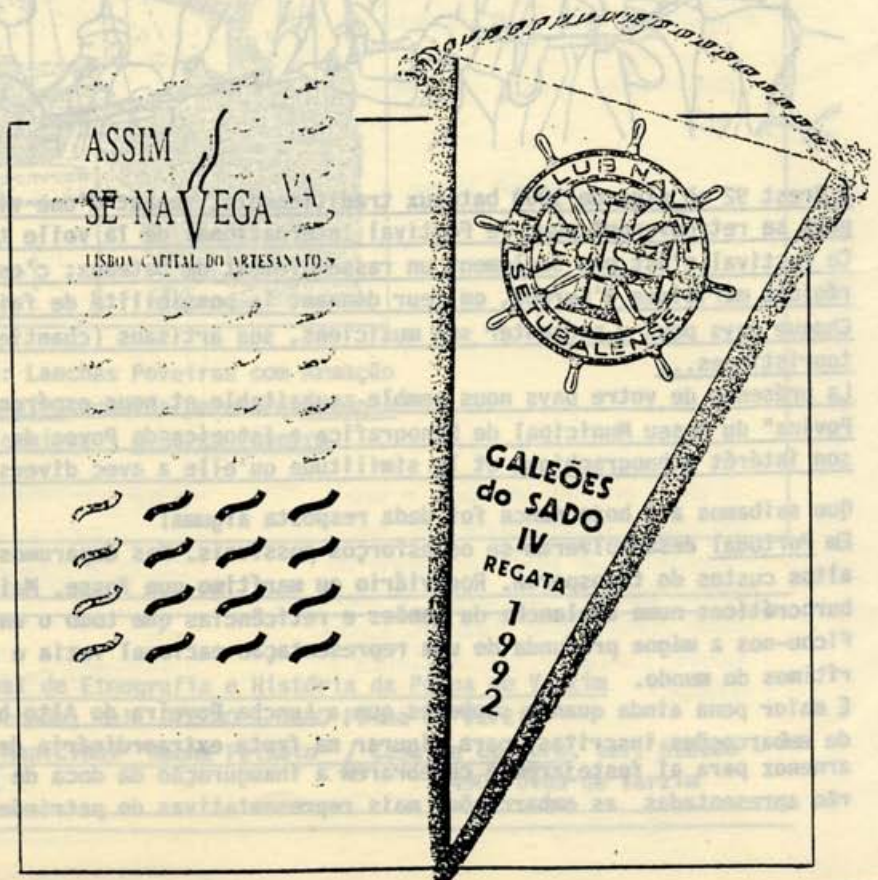
Talvez para o próximo ano seja possível encontrar e descobrir os apoios necessários e Brest não desapareça do nosso horizonte.

Entretanto, não quisemos perder a oportunidade de participar numa Regata de Embarcações Tradicionais em Lisboa. Fizeram-se assim todos os esforços para levar a Lancha Poveira à capital do País, dando a conhecer as suas características e potencialidades numa prova desportiva de alto mar.



ENTIDADES E APOIOS QUE ESTIVERAM NA BASE DA NOSSA PARTICIPAÇÃO :

- Instituto de Emprego e Formação Profissional
Registe-se os gratificantes contactos pessoais e prestimosa ajuda de:
- Dra. Rita Bouça e D. Salomé Santos
- Clube Naval Setubalense
- Eng.º Henrique Cabeçadas
- Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
Sem o seu apoio logístico, financeiro e de transporte não seria possível vencer os complexos e complicados problemas de deslocação, terrestre, da lancha para Lisboa
- Sociedade de Construções Gomes do Monte, S.A., Póvoa de Varzim
Transporte da lancha no percurso Póvoa-Lisboa-Póvoa



ORGANIZAÇÃO DA INICIATIVA:

- Clube Naval Povoense e Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

AMBITO DA INICIATIVA:

- Exposição: ASSIM SE NAVEGA(VA)

Organizada pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional em colaboração com a Associação Industrial Portuguesa e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa no Pavilhão Ribeirinho da FIL, de 18 a 26 de Julho de 1992;

- Ambito temático: Cerca de duzentas miniaturas de Embarcações Tradicionais ligadas à faina fluvial e marítima; Construção Naval (Estaleiros de Vila do Conde); Presença no Tejo de cerca de vinte embarcações recuperadas, provenientes de todo o País (à chamada acorreram apenas os "Galeões do Sado" (4) e a Lancha Poveira do Alto)

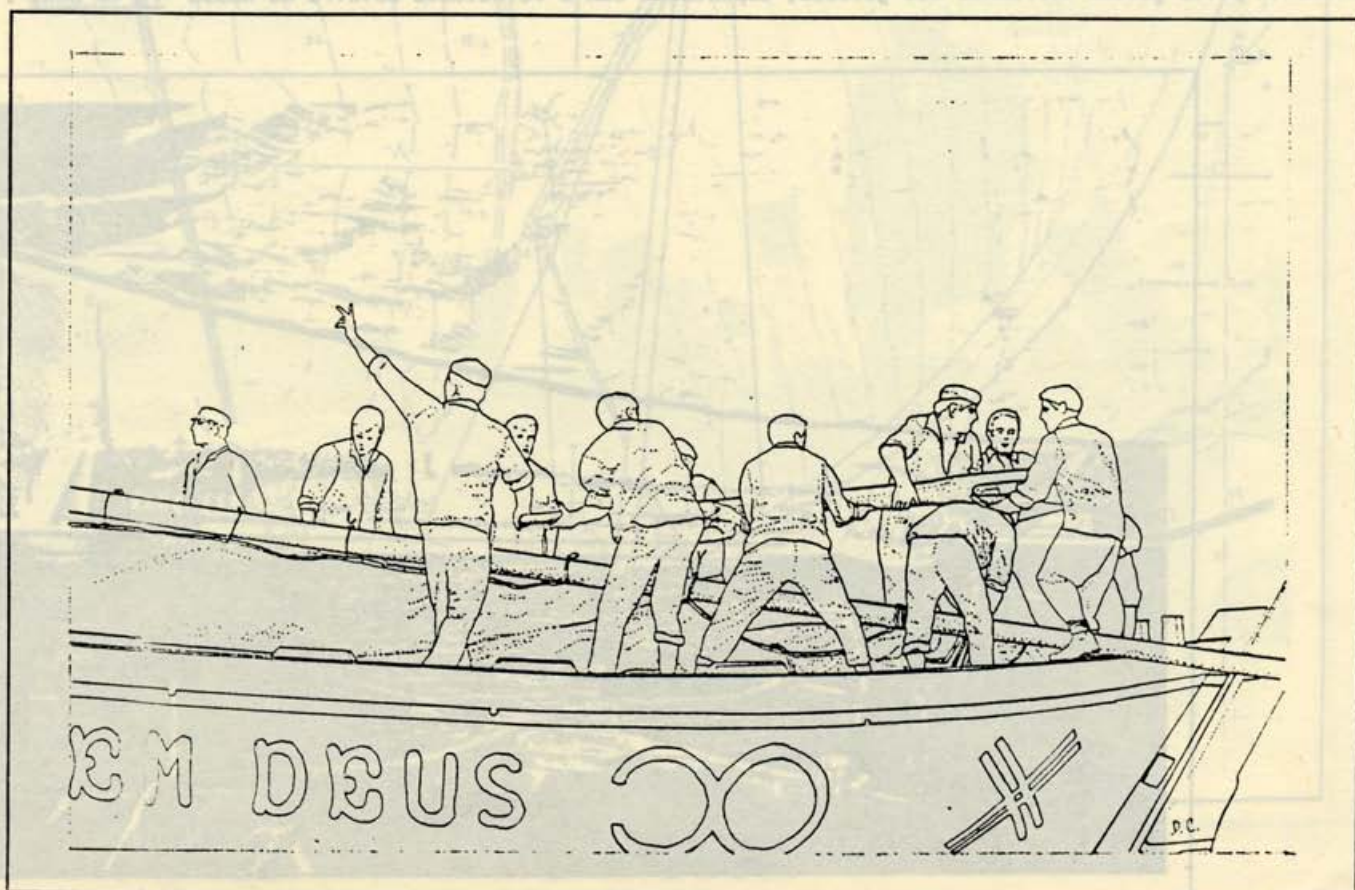
- Propósito: Integrada no programa "Lisboa, Capital do Artesanato/92", esta Exposição visava promover a divulgação de uma das áreas mais relevantes do nosso Património - As Embarcações Tradicionais e a Construção Naval;

- IV REGATA "GALEÕES DO SADO" - Lisboa-Setúbal.25.Julho.1992

Organizada pelo Clube Naval Setubalense, com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional, num percurso de 35 milhas.

RAZÕES E OBJECTIVOS DA NOSSA PARTICIPAÇÃO:

Em primeiro lugar, cumprir uma missão cultural: ampliar e enriquecer o conhecimento público das artes da construção naval e da navegação da comunidade marítima poveira; testar o comportamento e capacidade da lancha do alto numa regata desportiva de embarcações tradicionais; dialogar e permutar conhecimentos e experiências com outras comunidades e entidades ligadas ao Mar; reatar a memória das velhas regatas dos finais do século XIX e inícios do XX, em que participaram os pescadores poveiros (registre-se a Regata de Cascais, em Outubro de 1907).



A "LANCHA POVEIRA DO ALTO" CORTA EM PRIMEIRO LUGAR A LINHA DE CHEGADA!

NARRATIVA BREVE

Chegados a Lisboa, sexta-feira 24 de Julho, com a Lancha atracada na Doca de Alcântara, logo nos empenhamos em ter a embarcação preparada, cuidando o Mestre de todos os detalhes e tarefas de atenta e completa mareação. Pela tarde, num primeiro ensaio, deslocamo-nos a remos até entrar no corredor líquido do Tejo rumo ao Mar da Palha. Quisemos apresentar a Lancha à capital do reino, com a vela grandiloquente a dizer adeus ao Castelo e à Mouraria.

Ao largo do Terreiro do Paço, no território brando dos cacilheiros, uma refrega de vento forte obrigou-nos, entre gritos de incitamento e calma, a dobrar e a reduzir o pano nos quatro rizes. Foi o primeiro embate com os ventos esquivos do rio.

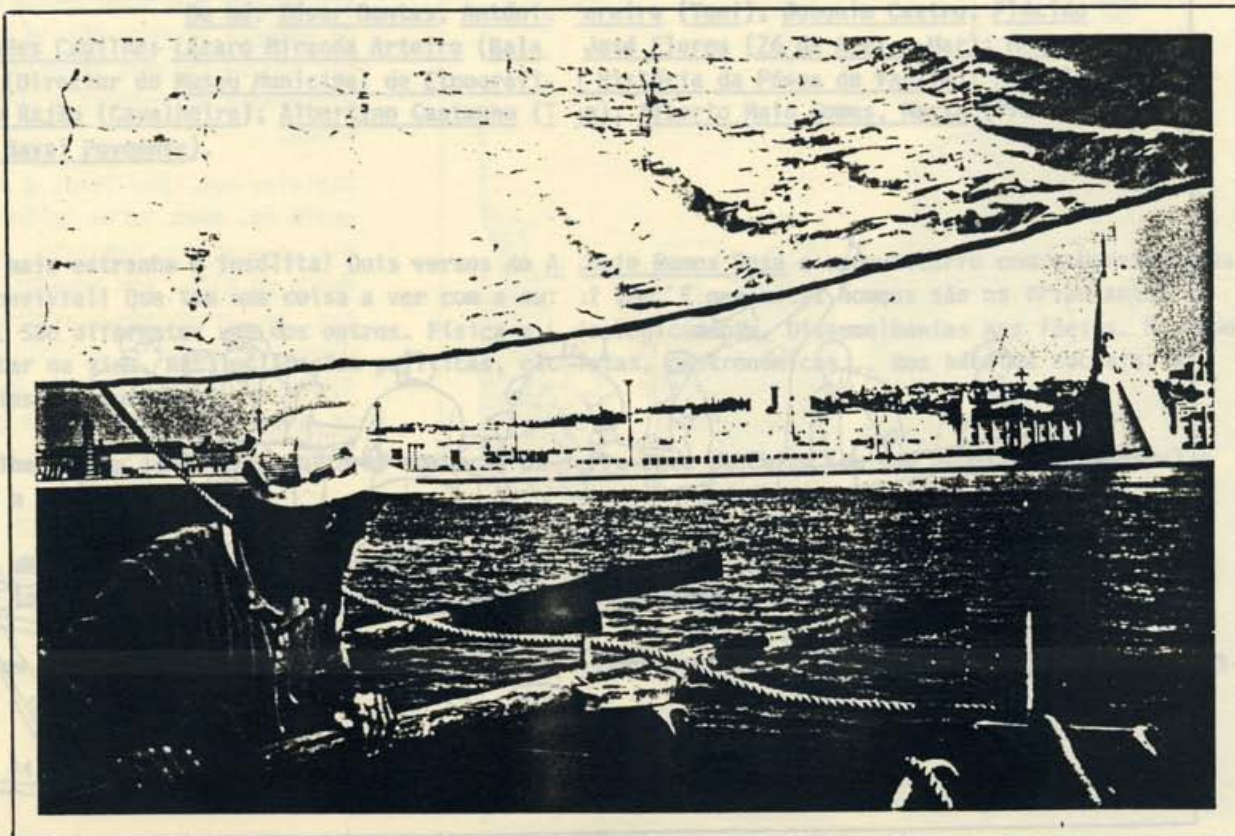
No dia da Regata, à cautela, já tínhamos a Lancha amarrada à muralha exterior da doca. Porém, a prova tinha a largada marcada para as 10 horas em Paço de Arcos. Os galeões, com o motor ligado, passavam por nós, olhando-nos com alguma piedade, por verem gente tão estranha e barulhenta dobrada sobre os remos. Sem vento, a Ponte sobre o Tejo parecia, na manhã ensolarada, uma baliza intransponível. O barco de apoio, que o Clube Naval Setubalense havia prometido para rebocar a lancha até à linha da partida, tardava em aparecer. Todos os Contatos transmitidos via rádio não obtinham mais do que um soberbo e abandonado silêncio. Estávamos sós. Apenas podíamos contar com a nossa força. De binóculos em riste avistavam-se os galeões, ao longe, franqueando a Torre de Belém, prestes a chegarem a Paço de Arcos. Amarrados aos remos com as mãos quase a sangrar rememorávamos os velhos rituais para chamar o Vento e agitar aquelas águas, em maré enchente e contrária.

Quando já desesperávamos começou a soprar um Norte muito tímido e fraco. A esperança reanimou-nos as forças mas os galeões do sado já haviam partido!

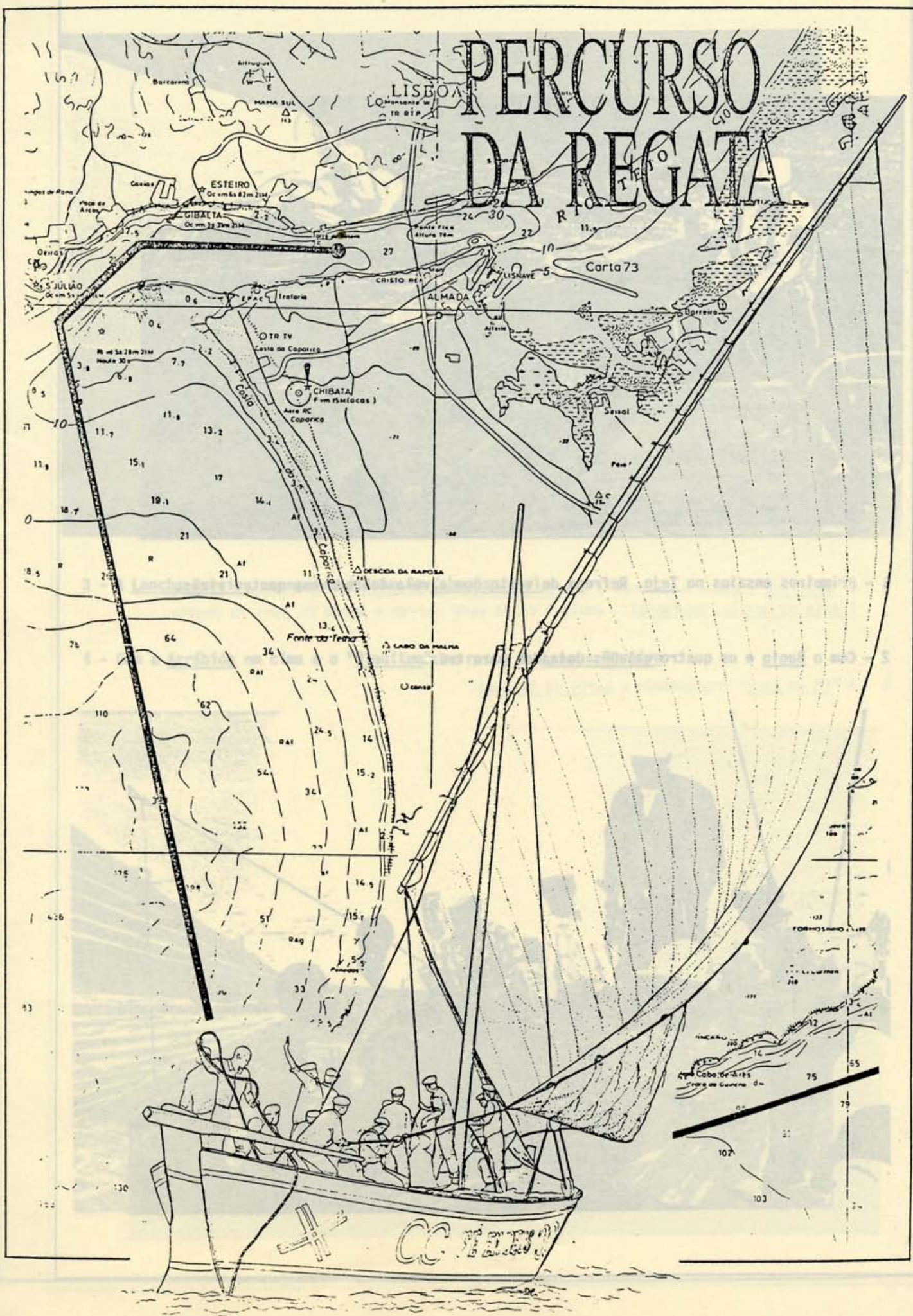
Sem desanimar, Mestre e tripulantes encheram-se de brios e poveiral bairrismo. Cientes dos segredos da navegação e, posta a vela à feição de um novo vento noroeste, a Lancha Poveira começou a ultrapassar os galeões, um a um, por alturas do Buço. E foi em maré de esfusiante alegria que deixamos para trás o "Estou para Ver", o "Riquitum", o "Pinto Lufsa" e o garboso "Zé Mário". Foi a primeira vitória da pequena e frágil Lancha Poveira.

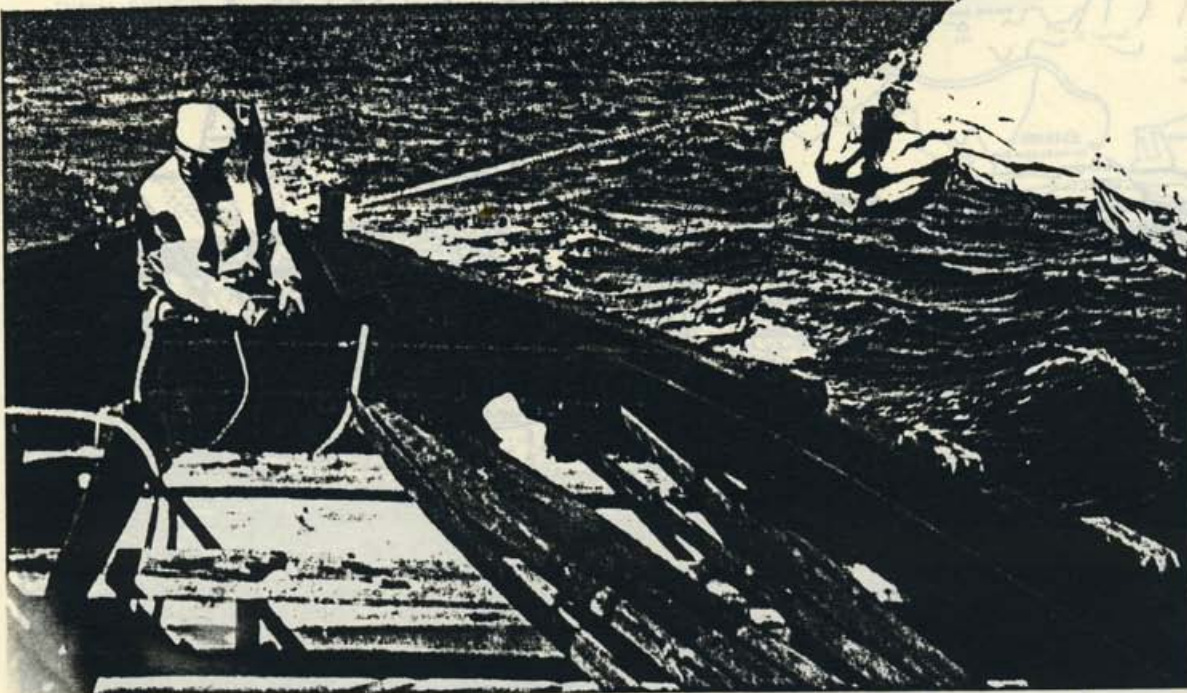
O Cabo Espichel ergueu-se logo à saída do estuário do Tejo. Pouco a pouco o seu corpo oblongo começou a agigantar-se às refulgências metálicas do Sol. Marcaram-se novos rumos e lá se voltou, mais uma vez, a recorrer à velha prática poveira de cambar por cima.

No decurso da jornada haveria ainda lugar para outras manobras marinheiras. Outros tantos mistérios seguidos atentamente pelas gentes terrenhas dos galeões, espantadas com a velocidade boieira da nossa "Fé em Deus".



PERCURSO DA REGATA



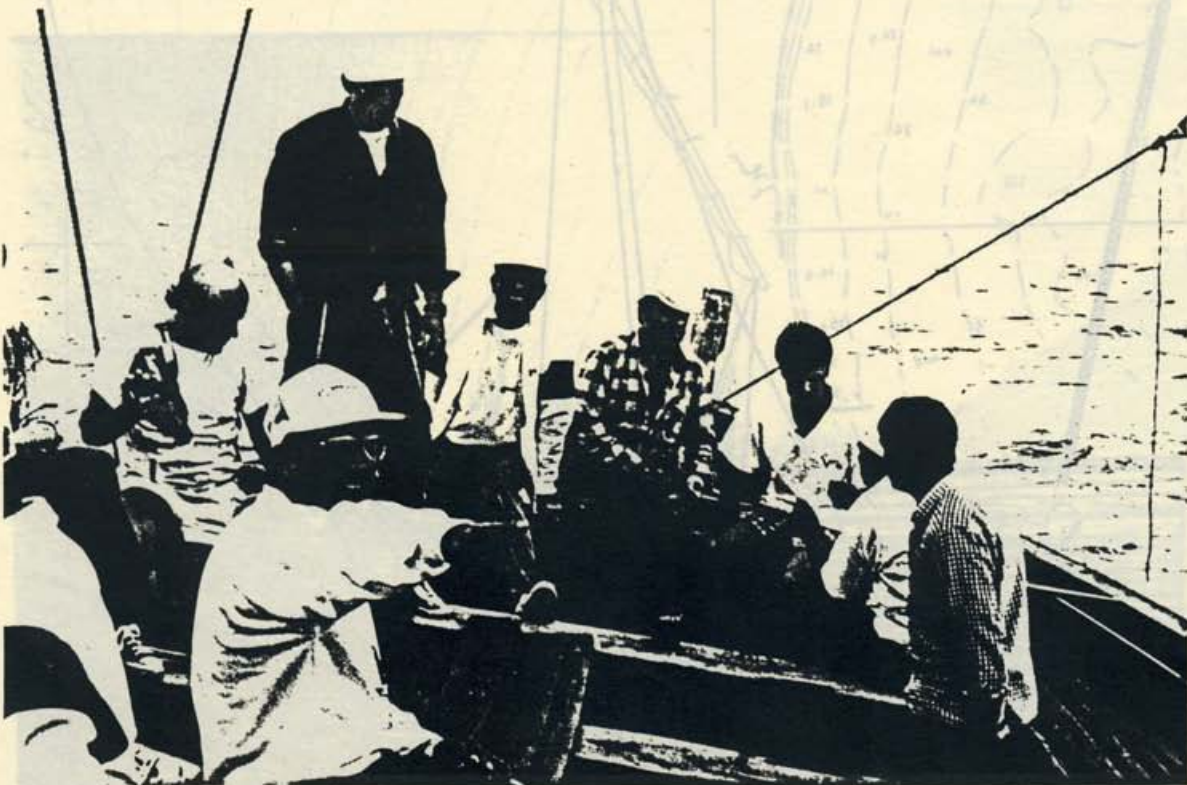


1 - Primeiros ensaios no Tejo. Refrega de vento com a vela dobrada nos quatro rizes.

(Bordo do Cavale, esquerda). Junta com a popa para vir-se o Bordo do Xari da Regata.

2 - Com o Buqio e os quatro galeões deixados para trás.

3 - A "Cá na Bica" transpondo o porto de...

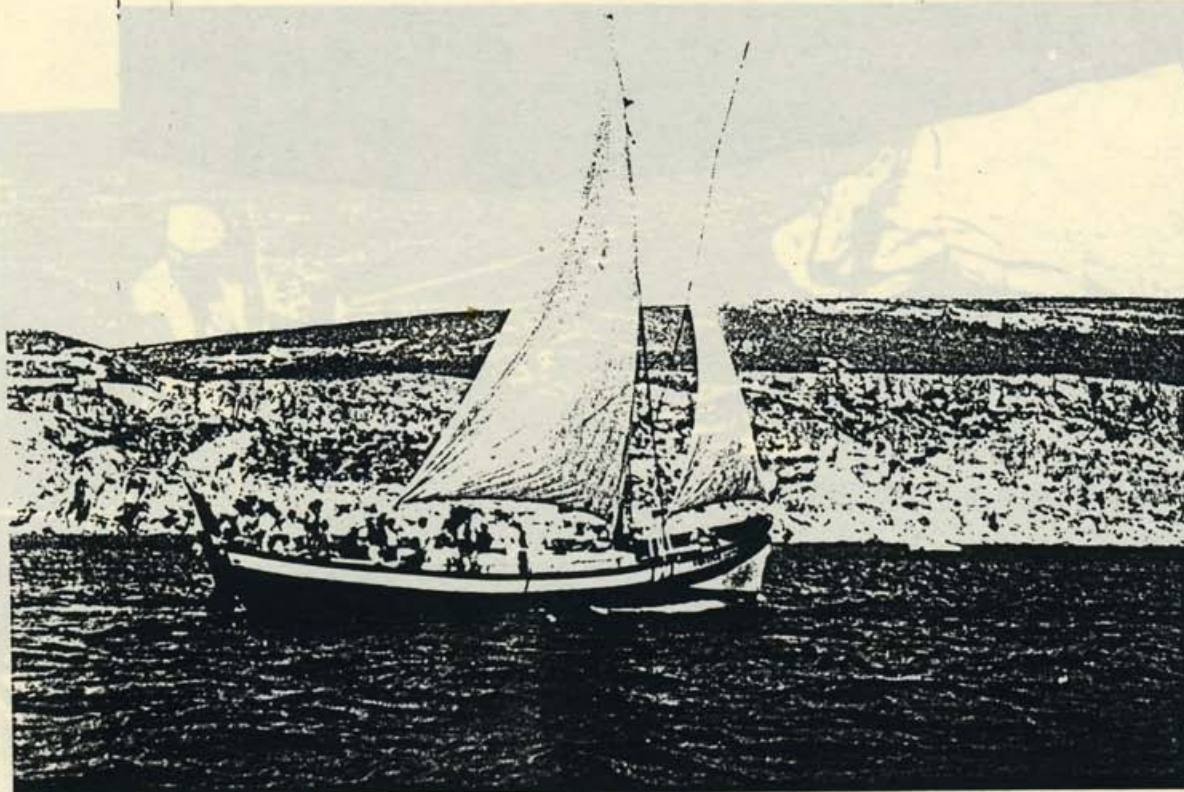




3 - A Lancha Poveira navegando diante do Cabo Espichel

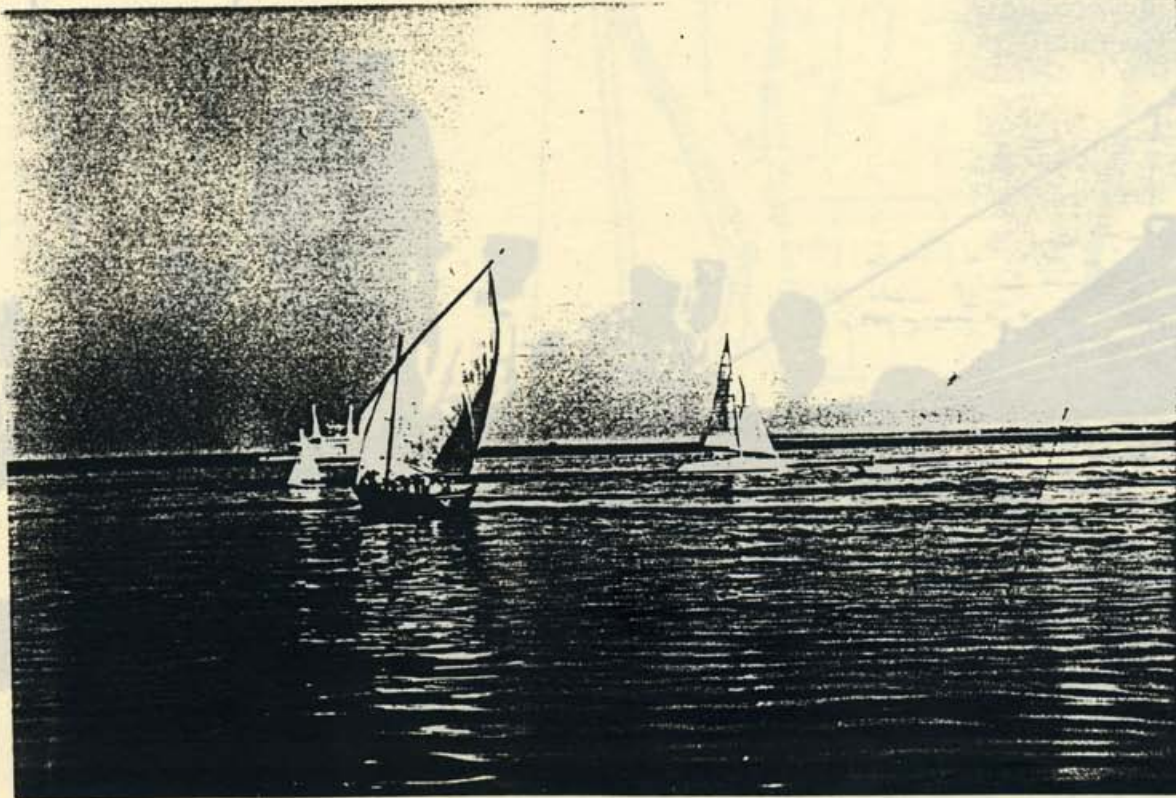
4 - Com a Arrábida em cima e o "Riquitum" no rasto da Lancha Poveira





5 - O "Riquitum", quase a par com a Lancha Poveira, aproximando-se da linha da chegada (Forte do Cavalo, Sesimbra). Junto à costa pode ver-se o barco do júri da Regata.

6 - A "Fé em Deus" franqueando o porto de Setúbal.



De Espichel a Setúbal iriam ser as prometidas 18 milhas de costa, muito alcantilada, só acessível nas enseadas arenosas da Baleeira, Cova da Mijóia, Sesimbra, Portinho da Arrábida e Albarquel. Com a aproximação da Arrábida - "o baixo de Arrábida arreja tudo e mete remos" - visitou-nos a nortada fresca. O domínio da Lancha ficou todo entregue ao governo da "vela com o punho no leito", a verga de punho em baixo (junto à tosta da proa) e a carrega deira apertada. Não se risou para se não perder tempo.

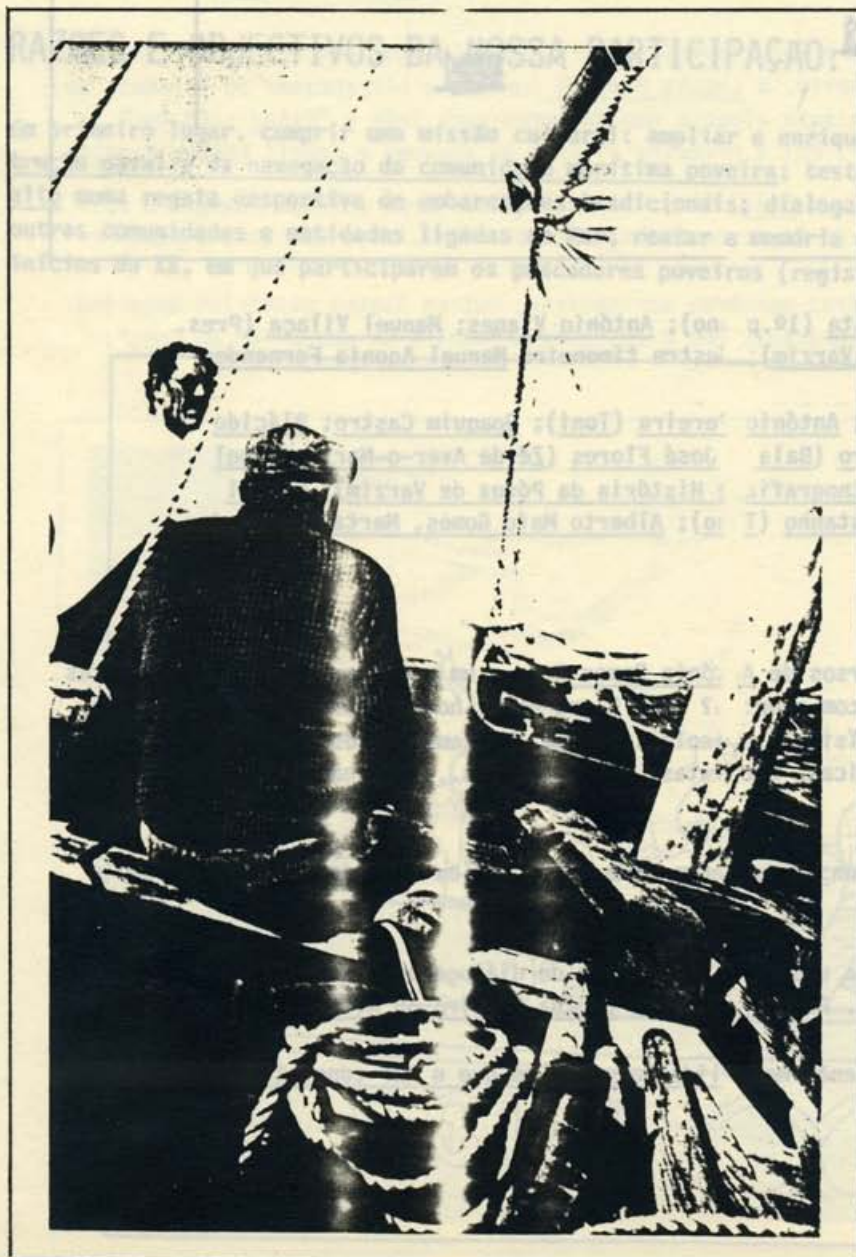
Sob a serra, até cerca de duas milhas, conforme a altura da costa, o vento costuma soprar em rajadas, com direcção e intensidade rapidamente variáveis. Ao largo o vento é mais regular. Mas a lança poveira, para ir ganhando caminho, foi-se aproximando da costa numa estratégia que não escapou ao "Riquitum", que lhe seguia as pisadas.

Sem desfalecimento, irradiando aquela turbulenta alegria poveira, a tripulação seguia, encantada, a aventureira inclinação da Lancha, orçando demoradamente, mercê do atraso do centro vélico, provocado, na altura da construção, pela colocação escolhida do mastro. Quem contrariava o orçar da Lancha era o Mestre. Num esforço terrível para evitar o travamento. Nem o vergueiro (tralha de auxílio para o homem da governança) era capaz de segurar o leme, sendo preciso, aqui e ali, a ajuda pronta de dois "camaradas". Nos últimos momentos da prova, já quase no alinhamento do Forte do Cavalo, multiplicavam-se gritos e incentivos: Vai p'ra Barlavento! Vai p'ra Barlavento! O barco do júri parecia ter-se escondido à reversa d'Arrábida. O "Riquitum", impulsionado pela carangueja e a vela de estai. Ao contrário dos galeões do sal, que não carecem mais do que dois homens para navegar, a Lancha Poveira depende de contínuas e complexas manobras, exigentes de grande força física e a entrega inteira de todo o dos galeões harmoniza-se bem com o vento forte. E o seu pano vélico, com a direita pelo mastro abaixo. Sem risar, optou-se por navegar com o pano em baixo. Tornava-se, contudo, necessário realizar um derradeiro esforço: içar a vela, um pouco mais, para aumentar o aproveitamento integral do vento e dar à embarcação a maior velocidade possível. Mas as mãos, em ferida, traziam a memória e o cansaço dos remos e dos cabos.

Forçados a perder algum tempo, não conseguimos manter a confortável e clara distância que trazíamos desde a viragem do Espichel. As proas das duas embarcações apontaram, em simultânea celeridade, a meta imaginária tenuamente sinalizada por duas boias imperceptíveis. Dúvidas sempre as haverá!

Mas foi a "Fé em Deus" que cortou em primeiro lugar a linha de chegada. Pode o João Barbas, "skipper" da Troia-Cruze de Setúbal, dizer o que quiser. A azimuteira do Filipe Maio, os olhos do Mestre Agonia e a experiência desportiva do António Vianes, não se deixam enganar por bairrismos serôdicos. Nem nós precisamos de prémios e medalhas imerecidos.

Satisfaz-nos, por isso, o inesquecível gosto de, numa tarde calorosa de Julho, dia de Santiago Apóstolo, a Lancha Poveira do Alto, sem brandais nem molinetes, ter provocado a admiração incondicional de todos os participantes, coadjuvantes e espectadores da IV Regata de Galeões do Sado, entre Lisboa e Setúbal.



" A CÁLIDA HARMONIA EM QUE O MAR CONCENTRA A SUA MAGEM."



Da esquerda para a direita. Sentados: Manuel Costa (1.º piloto); António Vianes; Manuel Vilaça (Pres. do Sindicato dos Pescadores da Póvoa de Varzim); Maestro timoneiro Manuel Aqonia Fernandes Areias; Filipe Maio.

De pé: César Dantas; António Pereira (Toni); Joaquim Castro; Plácido Fernandes Cadilhe; Lázaro Miranda Arteiro (Bala); José Flores (Zé de Aver-o-Mar); Manuel Lopes (Director do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim); Manuel Aqonia Rajão (Cavalheira); Albertino Castanho (Tito); Alberto Maio Gomes, Marta (Pres. do Clube Naval Povoense).

Que vizinhança mais estranha e insólita! Dois versos de António Ramos Rosa e um autocarro com excursionistas num encontro convival! Que tem uma coisa a ver com a outra? Tem. E que estes homens são os tripulantes da Lancha Poveira. São diferentes uns dos outros. Física e psicologicamente. Dissemelhantes nas ideias. No modo de ser e de estar na vida. Nas inclinações políticas, culturais, gastronómicas... Nos hábitos sociais. Na formação religiosa e educativa.

Une-os a partilha de uma identidade cultural comum: a da terra onde nasceram (ou que adoptaram como sua) e o Mar que amam e respeitam.

Foram, uma vez mais, capazes de dar provas de uma singular capacidade de diálogo operante e criador. Conseguiram superar todas as diferenças sem as anular. Fazem navegar a Lancha Poveira do Alto.

O segredo do seu entendimento não pode residir senão na cálida harmonia em que o Mar concentra a sua imagem.

DO MINHO AO DOURO



LANCHA POVEIRA

«Georges! anda ver meu país
de Marinheiros,
O meu país das Naus, de esquadras
e de frotas!

Oh as LANCHAS DOS POVEIROS
A saírem a barra, entre ondas e gaiotas!
Que estranho é!
Fincam o remo na água, até que o remo
torça.
À espera da maré,
Que não tarda aí, avista-se lá fora!
E quando a onda vem, ficando-o a toda
a força.
Clamam todos à uma: "Agôra! agôra!
agôra!"»

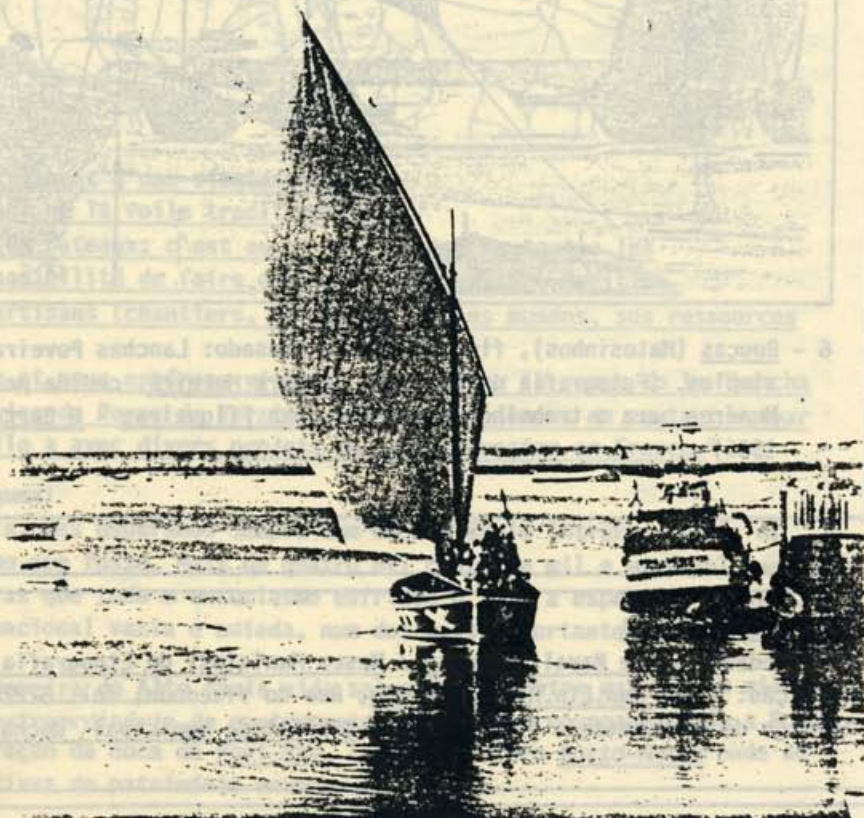
António Nobre - *Só* (1892)

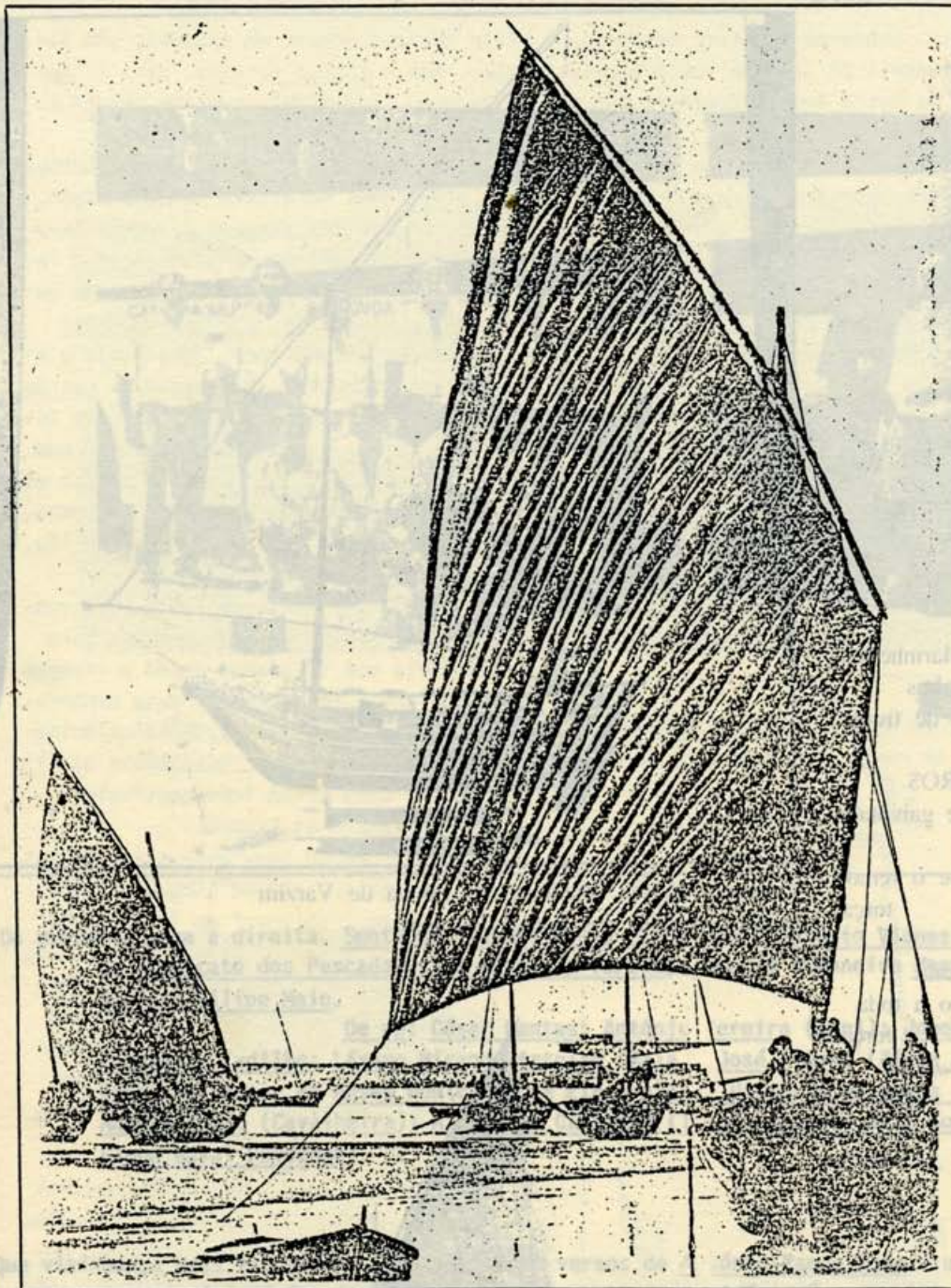
«O barco poveiro constituía o tipo principal, e o mais numeroso, das embarcações de pesca para norte do Douro. Também para o sul se usava em alguns portos, como Buarcos, Lavos, Nazaré, Cascais e, até, Sesimbra e Setúbal.»

António Tengarrinha Pires
Caravela dos Descobrimentos
Bolina na Costa Portuguesa (1988)



Colecção Museu Municipal da Póvoa de Varzim
Autor: Joaquim dos Santos Paroleiro





6 - Bouças (Matosinhos), fins do século passado: Lanchas Poveiras com Armação simples. (Fotografia da col. Dr. A.Laura Moreira, cedida pelo Arq.António Menéres para o trabalho de Octávio Lixa Filgueiras - O Barco Poveiro, 1966)

NOTÍCIAS DA LANCH

Propriedade: Clube Naval Povoense / Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Redacção: Museu Mun.Etn.Hist.P.Varzim, Rua do Visconde, tel. 622200 - 4490 Póvoa de Varzim

Serviço de Documentação e Composição: Biblioteca Municipal "Rocha Peixoto" / Casa de Cultura, tel. 616000 - 4490 Póvoa de Varzim